



COESÃO E DESINTEGRAÇÃO NO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO

Uma perspectiva alternativa

Paul L. Savage

Richard A. Gabriel

St. Anselm's College

Tradução, do "Armed Forces and Society", Vol. 2, nº 3. Primavera, 1976, de Luiz Paulo Macedo Carvalho, Tenente-Coronel Art QEMA.

Vedada a transcrição total ou parcial do presente artigo sem a autorização prévia dos autores.

Paul L. Savage

Combateu na Itália durante a II Guerra Mundial (1943-45). Ascendeu ao oficialato, em 1950, no Exército dos EUA. Prestou serviços em diversos comandos, estados-maiores e assessorias. Transferiu-se para a reserva como Tenente-Coronel, em 1967, para dedicar-se ao magistério. Atualmente é Professor e Chefe do Departamento de Política, no "St. Anselm's College", em Manchester, New Hampshire.

Richard A. Gabriel

Presentemente Professor de Ciências Políticas, no "St. Anselm's College", ingressou no quadro de oficiais do Exército dos EUA, após concluir o CPOR. Serviu durante três anos como oficial de informações no Estado-Maior do Supremo Comando Aliado na Europa. É capitão da reserva e tem prestado serviços em funções específicas de informações.

INTRODUÇÃO

Se as sociedades podem ser comparadas por seus sistemas políticos, deveriam também ser comparáveis pela maneira de dirigir as respectivas forças armadas. Ainda mais importante, a atuação de suas forças militares pode ser comparada no que diz respeito a coesão, disciplina e liderança profissional. Pelo fim da Guerra do Vietname, o Exército Norte-Americano apresentava nítidos sinais de desintegração, sob condições que aparentavam ser de relativamente mínima pressão de combate.

O propósito desta análise é examinar os indicadores de desintegração, junto com algumas comparações históricas, tudo no contexto do processo sócio-mi-

litar que simultaneamente aparenta afetar a coesão do Exército dos EUA. Este processo abrange:

1. *A substituição do tradicional Estereótipo de oficial "gladiador" pelo administrador não participante do combate, em que, a eficiência torna-se o parâmetro de atuação em lugar da "honra".*

A tendência administrativa solapa, parece-nos, o senso de honra militar. Com esta última está relacionada com sacrifício pessoal "sem recompensa", um "comando" administrativo pode tender a encarar suas tropas como manancial de recursos para a sobrevivência e lucratividade na carreira em potencial, e não como encargo moral de sua honra e dever, apoiado na confiança e no auto-sacrifício mútuos.¹

2. *Um violento crescimento do efetivo de oficiais.* Enquanto, durante a II Guerra Mundial e a da Coreia, o efetivo de oficiais no Exército chegava a, respectivamente, 7% e 9%, ao final do conflito do Vietname os oficiais constituíam aproximadamente 15% do total de homens. Há além disso, evidência de que, com a expansão do quadro de oficiais, ocorreu um correspondente declínio de qualidade.

3. *Destruição dos grupos militares primários.* As unidades cuja tarefa principal é combater, resistem à desintegração, particularmente devido à integridade das frações militares básicas, grupo de combate, pelotão ou companhia. O Exército Norte-Americano desde a II Guerra Mundial tem experimentado um progressivo declínio na coesão dos grupos primários até a do Vietname, na qual, pode-se dizer, deixou inteiramente de existir. A causa imediata da destruição dos grupos primários foi o sistema de rodízio de pessoal.

Formulamos duas hipóteses correlacionadas:

(1) O Exército Norte-Americano sofreu uma desintegração progressiva e, afinal acelerada, em período recente de 1961 a 1971, e, num grau significativo, o processo operou-se independentemente de fatores políticos-sociais na sociedade norte-americana e em geral.

(2) A desintegração do Exército, junto com o desaparecimento da coesão dos grupos primários, está diretamente relacionada com a perda do profissionalismo do oficial, expressa no fenômeno difundido do "carreirismo administrativo".

1 — "Devido à instituição militar achar-se voltada para a administração, a distância entre o líder heróico e o administrador militar estreitou-se também. . . . O técnico provavelmente deve estar mais interessado com os meios, o administrador com os fins da política militar. . . . No presente as academias militares encontram-se profundamente preocupadas se podem apresentar de forma adequada a imagem de um "homem completo" que, efetivamente, seja tanto um moderno líder heróico como um administrador militar. Morris Janowitz, "O soldado Profissional" (New York, Free Press, 1971), páginas 425. Talvez a desintegração do Exército dos EUA esteja associada com a valorização do administrativo e a conseqüente extrema deslocação das imagens "heróicas" de Janowitz, isto é, homens em busca de privilégios, afastando os honrados.

Talvez seja útil definir coesão e desintegração; definindo uma, segue-se a outra, já que são recíprocas. Desintegração de uma organização militar é a emergência de condições que tornam impossíveis as operações ativas. Essas condições são deserção, motim, assassinato de chefes e outros fenômenos que interferem com a disciplina, tais como o uso de drogas. Coesão é a garantia de que uma unidade militar esforça-se para cumprir as ordens recebidas ou missões que lhe forem atribuídas, independente da situação vivida. Vitória ou derrota não constituem fatos de medida.

Em nossa convicção o fator de coesão ou desintegração como um todo numa organização militar, é função de circunstâncias geradas no interior dessa própria estrutura. Isto equivale sugerir que fatores tais como o declínio do profissionalismo e dos elos militares são aparentemente mais responsáveis pela desintegração do que os fatores operantes na sociedade em geral. Isto não nega, evidentemente que haja correlações entre a maior parte da sociedade e sua estrutura militar, pois é óbvio que esses elos de fato existem. No caso do Vietname, por exemplo, essa integração tornou-se patente, na adoção de uma política de rodízio de pessoal traçada para impedir o estabelecimento de uma guerra total, o isolamento das elites nos colégios, o que levaria a reduzir a fonte de recrutamento de alta qualidade dos oficiais em potencial, com restrições óbvias sobre as operações militares resultantes de considerações de política doméstica. Embora não insinuemos que as estruturas militares sejam totalmente independentes de forças sociais mais vastas, julgamos que outras forças inerentes às instituições armadas — tais como um desenvolvido senso profissional e uma honrosa ética militar — são muito mais cruciais na determinação do grau de coesão que um exército manifestará sob pressão.

Para ilustrar o processo da desintegração militar, as comparações históricas mostram-se essenciais. A primeira comparação é a do modelo histórico alemão, um exército que manteve sua coesão sob enormes pressões, mesmo durante a derrota final, na II Guerra Mundial. O modelo alemão é apropriado por duas razões. Ele é o produto da civilização ocidental, apresentando mais semelhanças do que diferenças com os outros exércitos do Ocidente. A esse respeito, pode-se apontar similaridades nas estruturas de organização e de valores na crença alicerçada no patriotismo e em exércitos de cidadãos baseados em recrutamento da massa.²

A segunda razão é que a coesão do exército alemão tem sido estudada em alguns pormenores, valendo-se de dados empíricos.³

2 — A organização do Estado-Maior do Exército dos EUA, assim como a de muitos outros ocidentais, é uma variação do sistema de comando e estado-maior prussiano. Os regulamentos de combate norte-americanos que orientam a conduta de exércitos em operações sofrem também influências prussianas. Por exemplo, veja Leon Friedman, ed., *The Law of War*, Vol. 1 (New York: Rondon House, 1972, páginas XV e XVII).

3 — Edward A. Shils e Morris Janowitz, "Cohesion and Desintegration in the German Wehrmacht in World War II", *Public Opinion Quarterly* 12 (1948): páginas 280 a 315.

O CORPO DE OFICIAIS ALEMÃES E A CARGA DE SACRIFÍCIO

Apesar das repetidas catástrofes, a "Wehrmacht" permaneceu tão coesa que lutou com eficiência até ser finalmente aniquilada. E de fato, jamais perdeu-se, à moda da Primeira Guerra Mundial. A velocidade, a disciplina, e a eficiência germânicas no ataque, combinadas com resoluta, implacável e metódica resistência por milhares de quilômetros, têm sido atribuídas a uma infinita série de fatores que incluem nacionalismo, ideologia Nacional-Socialista e "militarismo inerente". Das provas disponíveis poucas indicam esses fatores como importantes, ou mesmo que quaisquer outros especiais sócio-políticos *externos* tenham exercido maiores influências na coesão militar. Na verdade, a coesão do Exército Alemão foi mantida apenas em pequena extensão pelas convicções políticas Nacionais-Socialistas dos soldados germânicos . . . e que mais importante, na motivação da tenaz resistência do soldado alemão, era a pronta satisfação de certas exigências pessoais primárias proporcionada pela organização social do exército.⁴ A coesão alemã no campo de batalha estava relacionada diretamente com o fortalecimento pessoal do soldado como indivíduo devido às interações de estima e respeito com seu grupo primário — grupo de combate, pelotão e companhia — e percepção dele de que seus superiores imediatos (oficiais e graduados) eram homens de honra, altamente dignos de todo respeito, os quais em retribuição zelavam por seus homens.⁵ Os oficiais do Exército Alemão eram selecionados com muito cuidado e virtualmente todos possuíam educação superior à média dos alemães. Além disso, os elevados padrões de seleção para os oficiais alemães foram mantidos durante toda a guerra.⁶

Quando padrões limitadores são agravados por baixas muito acentuadas, o resultado inevitável é uma drástica redução do quadro de oficiais — especialmente um que insiste em qualificação rigorosa. Em 1939, o Exército de campanha alemão possuía 81.314 oficiais e 2.741.064 praças. Os oficiais constituíam 2,95% do efetivo total combatente; quanto ao Exército Alemão como um todo, a percentagem era de 2,86%. A relação oficial/praça era de 1/34.⁷

Os oficiais alemães sofriam claramente muito mais alta proporção de perdas considerando-se seus efetivos em relação aos globais isto é, 2,86% de oficiais absorviam 3,5% do número de mortos. O Exército Alemão perdeu 1.709.739 homens mortos em ação, inclusive 59.965 oficiais. 30,8% do corpo de oficiais germâ-

4 — Ibid, página 281.

5 — Ibid, páginas 284, 287, 295 e 297. Afors a costumeira estima dedicada pelo soldado alemão aos seus chefes imediatos, a coesão do grupo primário foi mais reforçada por um "núcleo duro" que tivera gratificante adolescência sob o Nacional-Socialismo" (página 286). Mesmo este pequeno núcleo rijo fora orientado para o militarismo e não para a política.

6 — Ibid, página 299.

7 — Bur Rhardt Muelle — Hillebrand, *Das Heer 1933-1945, Band III, Der Zweifrontenkrieg* (Frankfort am Main & Verlag E. S. Mihler A Son, 1969, páginas 248 e 266.

nico pereceu em ação, enquanto a percentagem de praças mortas em combate ficou apenas em 26,1%.⁸

Na Alemanha, os postos militares e o "status" social confundiam-se muito, assim como os indicadores de sacrifício. Os europeus seguem a pista de sua nobreza por meio de referências tais como as do "Almanaque de Gotha". Como pesquisadores que são, os alemães, calcularam em parte, as perdas de sua nobreza da II Guerra Mundial. Uma fonte relaciona 8.284 nobres germânicos; destes, 4.690 morreram em ação, ou 56,6% do referido total. Os nobres tendem a ingressar no corpo de oficiais e essas altas perdas confundem-se com as baixas do próprio quadro de oficiais, porém 25,8% mais elevadas. Parece evidente, acertadamente, que a atitude de deferência e respeito demonstrada pelo soldado alemão para com seus superiores militares e sociais era recompensada, por sua vez, pela disposição de suas "elites" assumirem as custas do "status".⁹

Certamente, um grande fator de coesão do grupo primário — a companhia — no Exército Alemão, era o senso de responsabilidade e de cumprimento do dever revelados pelos oficiais alemães. A preocupação dos oficiais alemães para com seus soldados era, em troca, correspondida, reforçando a coesão da unidade que permaneceu alta no Exército Alemão até o fim.¹⁰ De certa forma, então, a coesão militar é uma função da qualidade do corpo de oficiais, sua capacidade, dedicação e pronta disposição para sacrificar-se.

A aptidão dos oficiais alemães para o comando era visível ao soldado alemão; no entanto, esta capacidade de liderança não dependia de uma dedicação à "causa" — ideologia nazista ou até nacionalista.¹¹ Este ponto é a base do estudo de

- 8 — Se o risco médio do oficial alemão ser morto era muito mais alto do que o de seus homens, as perdas de oficiais superiores foram ainda maiores. Dos 675 oficiais-generais constantes do almanaque do Exército Alemão, 223 morreram em ação (33%). Ver Josef Foltman e Hans Moeller Witten, *opfergand der Generale* (Bartim, Verlag Bernard und Graefe, 1959), página 85.
- 9 — Dr. Matthias Graf Von Schmettow, *Gedenkbuch des Deutschen Adels (Limburg a. d. Lahn, C. A. Starke Verlag, 1967)*, página X. Não existe estudo semelhante acerca das "elites" norte-americanas. De qualquer forma os oriundos das famílias tradicionais de Boston e da Virgínia não aparecem com muita freqüência nas listas de baixas e, evidentemente, nas do Vietname.
- 10 — Outros dados confirmam o senso do dever e a coesão no Exército Alemão. Um exemplo foi a baixíssima taxa de deserção. Ver Shils e Janowitz, "Coesão e Desintegração . . .", página 285. Mueller Hillebrand assinala que somente 2.600 homens foram relacionados efetivamente como desertores embora a Wehymacht (*Das Heer*, página 262).
- 11 — Ver Paul Carell, *Scorched Earth* (New York, Ballantine, 1971), páginas 596 e 597. Em julho de 1944, o Grupo de Exército Central alemão encontrava-se virtualmente destruído com 28 de suas 38 divisões tendo sido colocadas fora de ação. Trinta e um dos 47 oficiais-generais comandantes haviam sido perdidos, aproximadamente 7% do total dos generais do Exército Alemão. Um bem ilustrativo e autobiográfico depoimento acerca das ações de pequenas unidades e da coesão das organizações de combate alemãs é o *The Forgotten Soldier* de Gay Sajer (New York, Harper and Row, 1971). Neste relato o autor enfatiza o respeito que os soldados alemães tinham por seus oficiais, especialmente ao nível de subunidade. Ver Shils e Janowitz, "Coesão e Desintegração . . .", página 298.

Shils e Janowitz já citado. Estas descobertas, naturalmente, contrariam o tradicional senso comum que tende a colocar a desintegração militar aos pés de uma sociedade cruelmente fragmentada. Entretanto, em todas as operações de campanha alemãs, constata-se a presteza dos oficiais para assumir uma desmedida parcela de risco e para encarar qualquer afastamento de parte deles dos perigos da batalha como desonroso, apesar da predominante desarmonia social civil.¹²

O valor combativo do Exército Alemão pode ser atribuído em larga escala à qualidade de sua liderança. A liderança permaneceu, durante toda a guerra em termos de percentagem ligeiramente inferior ao do efetivo total, declinando até a metade da do autorizado no fim. Os alemães, portanto, podem ter alcançado um tipo de quociente de liderança ótimo, fiando-se na alta qualidade e reduzido número de oficiais.

O oficial encarava o soldado alemão sob um prisma aparentemente mantido em um ângulo suficiente para ir de encontro às necessidades das praças, satisfeitas pelos respectivos comandos imediatos, livres das pressões resultantes de exagerado controle dos altos escalões.

Os oficiais superiores, embora longe das fileiras e raramente interferindo em minúcias dos comandos subordinados, contudo suportavam parcela considerável de sacrifício, como os dados revelam e os soldados alemães estavam cõncios; os soldados da linha de frente sabiam que seus oficiais permaneceriam como eles "mesmo até a morte". Semelhante aceitação da morte e do peso de sacrifícios, compreendida pelos alemães como necessária e correta, não se verificou com os oficiais superiores norte-americanos no Vietname. Na realidade, ocorreu situação totalmente oposta.

Por certo, outros fatores afetaram a coesão militar: a sensação da Alemanha cercada, o respeito tradicional por uma cultura orientada, crença de que o serviço militar era uma honra, alguma influência secundária de Hitler como imagem paternal e o medo da polícia de segurança. Mas tudo isso permanece bem menos significativo do que o grupo primário e sua liderança respeitada. Um elemento adicional importante que aumentou a coesão no Exército Alemão foi a política alemã de revezar as divisões em linha, para reconstituição dos grupos primários.¹³ Ao contrário, a política norte-americana em todas as guerras recentes tem sido a de conservar as Unidades em combate por longos períodos, mantendo-as completas pelo fluxo de recompletamentos e, na verdade, reduzindo sensivelmente a manuten-

12 — Os alemães, como todos os exércitos, possuíam seus homens "à prova de bala" que sobreviviam a tudo: civis assemelhados, generais de gabinete cujos postos haviam sido obtidos por influência política, administradores SS das áreas de retaguarda, comissários do partido nazista que envergavam uniformes enfeitados; funcionários dos campos de concentração. Todos estes elementos eram vistos com desdém pelos soldados combatentes. Ver Sajer, *The Forgotten Soldier* ou qualquer trabalho corrente relativo às 53 Einsatzgruppen.

13 — Shils e Janowitz, "Coesão e Desintegração . . .", páginas 287 e 288.

ção dos laços dos grupos primários na tropa e, em consequência, a coesão da unidade.¹⁴

O modelo histórico da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial apresenta-se como um de alto profissionalismo e coesão militares. O cimento do Exército Alemão foi a compreensão do soldado de submeter-se a seus líderes imediatos, do qual se podia esperar aceitação de sacrifícios muito superiores àqueles exigidos do militar comum. Ainda que aplicando estes mínimos padrões de coesão profissional, o Exército Norte-Americano oferece um interessante estudo de contrastante.

A DESINTEGRAÇÃO NO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS

No Vietname, naturalmente, o Exército Norte-Americano não passou por revezes catastróficos e sofreu poucas baixas, em comparação com o Exército Alemão ou, mesmo, com o próprio Exército dos EUA na Segunda Guerra Mundial. Ainda assim, por volta de 1969, o Exército Norte-Americano começou a desintegrar-se comparativamente sob pressão mínima.¹⁵ As dificuldades enfrentadas pelo Exército dos Estados Unidos estendem-se desde altos índices de deserção até consumo de drogas, motins e *fragging** ou assassinato de oficiais e graduados. Os desertores *fraggers*** e rebeldes foram freqüentemente explicados como expressões "compreensíveis" de homens engajados numa guerra impopular e sem apoio na "frente interna". Outros, especialmente os militares, explicaram a indisciplina em suas tropas como um inevitável produto da sociedade permissiva da qual os jovens soldados provinham. Até o recrutamento, diz-se, agrava o problema da coesão. Tendente a ser individualmente discriminatório, na maioria das vezes, as classes mais baixas eram as chamadas para servir. Grupos privilegiados de *status* mais elevado, isolados em colégios e universidades pela lei e lógica do sistema de seleção para o serviço militar, desproporcionalmente arranjavam meio de burlar a

14 — Os processos de recompletamento norte-americanos levaram unidades de combate a ficarem integradas de homens que não se conheciam um ao outro. O fenômeno de unidades compostas de estranhos ocorreu com maior intensidade, naturalmente, após combates prolongados. A prática de tratar o soldado norte-americano como um "componente" ao invés de como membro de um grupo tende ainda a criar um exército de massa em vez de um grande comando de unidades coesas. Ver Morris Janowitz e Roger Lihie, *Sociology and the Military Establishment*, (New York, Russell, Sage Foundation, 1965), páginas 82 e 83.

15 — Entendemos como de tensão mínima a situação na qual um exército, após prolongado tempo, experimenta combate descontinuo, níveis baixos de intensidade de luta, e baixas reduzidas. Historicamente, muitos exércitos lutaram sob condições de máxima tensão e sofreram elevadas baixas sem perder a coesão.

* N. do T. — Neologismo surgido no Vietname, sem tradução precisa, oriundo de "fragmentation" que significa atentado perpetrado por soldados contra oficiais e graduados, por meio de engenhos explosivos no desenrolar de operações bélicas.

** N. do T. — Nome dado aos soldados que realizavam os "fragging" (atentados com explosivos contra os superiores hierárquicos).

convocação. Este argumento pode ter algum valor numa discussão sobre a coesão no Exército Norte-Americano. Por exemplo, na II Guerra Mundial, 8,5% dos que serviam, com idades de 20 a 24 anos, haviam completado quatro ou mais anos de "college".¹⁶ Na Coreia, esta percentagem caiu para 3,9% do total de veteranos. No Vietname, em 1971, a percentagem dos que haviam completado 4 anos de "college" antes de prestarem o serviço militar caiu para 2,6%. Mesmo assim, o nível educacional dos soldados provavelmente não era mais do que marginal em relação à coesão geral, apesar do ressentimento criado pela habilidade de usar a educação de nível mais elevado como um artifício para evitar o combate terrestre.¹⁷

Outros, ainda, explicaram a desintegração do Exército Norte-Americano, em 1969-1971, como um despertar do soldado comum para com a imoralidade da guerra e a ativação da "verdadeira consciência". Tais perspectivas ideológicas não são convincentes. Sabemos que a coesão militar é completamente independente de política e ideologias nos sistemas políticos civis. Especificamente, um senso vigoroso de patriotismo, nacionalismo e outras ideologias não são necessariamente fundamentais para a disciplina e coesão militares. Isto é, um senso constante de "causa", em qualquer grau ou evidência, não é vital para a coesão militar. Com efeito, esta literatura degrada qualquer senso de missão por parte dos soldados, que transcenda da missão tática imediata.¹⁸

Se o apoio da "frente interna", as ideologias, ou a "alienação do sistema" têm pouco ou limitado efeito sobre a coesão militar, por que o conflito do Vietname revelou indicadores de desintegração em tal profusão, no fim da guerra? Entre estes indicadores estão incluídos: índices crescentes de deserção, num período de 10 anos, com grande aceleração ao final do conflito, e muito superiores aos da II Guerra Mundial e da Coreia; eclosões de motins nas unidades combatentes; e um sempre crescente número de tentativas, consumação de assassinatos de oficiais por suas tropas.¹⁹ O vício de drogas, em complemento, tornou-se uma praga de vastas proporções, especialmente nos últimos quatro anos da guerra. Um exame de cada um desses indicadores permite aquilatar, com alguma precisão, o grau de desintegração no seio do Exército dos Estados Unidos, no Vietname e tirar conclusões a respeito dos principais fatores relacionados com a decadência.

INDICADORES DE DESINTEGRAÇÃO

Deserção

Um sinal de desintegração freqüentemente citado é o índice de deserção, designação atribuída ao soldado que fica ausente 30 dias sem autorização. O

16 — Informações inéditas de *Data on Viet Nam Era Veterans, June 1971* (Washington, D. C., Reports and Statistics Service, office of the Controller, Veterans Administration), páginas 7. A veteran Administration revela os níveis educacionais dos veteranos entre 20 e 24 anos de idade em três conflitos. Maior número de estudantes que abandonaram os estudos serviram no Vietname do que na II Guerra Mundial, mas poucos diplomados pelas faculdades combateram no Sudeste da Ásia (cerca de 69,4%).

- 17 — Há alguma evidência que a conscrição de jovens bacharéis da classe média contribuiu para diminuir a coesão nos grupos primários. Ver *The American Enlisted Man* (New York, Russell Sage Foundation, 1970), páginas 74 e 76, de Charles C. Moskos.
- 18 — Estudos relativos ao comportamento do soldado norte-americano na II Guerra Mundial destruíram a imagem convencional do soldado comprometido ideologicamente. Ver a obra de Samuel Stouffer — *The American Soldier*, Vol. 1 (Princeton, Princeton University Press, 1949), páginas 484 a 489. "O quadro geral deste volume, de homens preocupados em minimizar seus desconfortos, gaigar posições mais elevadas e obter melhores vencimentos, conseguir funções livres de perigo que oferecessem habilitação útil na vida civil, manifestando-se em choque com o Exército de muitas formas diferentes e ansiosos em deixar as fileiras o mais rápido possível não sugere desempenho particularmente inspirado no Exército Norte-Americano". Roger Little encontra limitado senso de comprometimento e um sistema de dedicação generalizada na Guerra da Coreia. Ver Janowitz e Little, *Sociology*, páginas 77 a 79. Como no estudo de Stouffer relativo à II Guerra Mundial, o principal fator da coesão em combate durante o conflito coreano foi o grupo primário. Mas na II Guerra Mundial o grupo primário norte-americano estava no nível do grupo de combate ou do pelotão, enquanto na Coreia ficou restrito ao sistema de duplas de "amigos do peito". Os grupos primários menores, típicos do Exército Norte-Americano (se comparados aos grupos primários de valor subunidade do Exército Alemão), na II Guerra Mundial essencialmente o grupo de combate ou pelotão, eram em grande parte consequência do sistema então adotado de manter as divisões em combate por longos períodos, o que levava a conservar os referidos grupos pequenos. Na Coreia, a mesma política de permanecerem as divisões em linha por extensos períodos foi agravada pelo sistema de rodízio que reduziu o grupo primário à dupla. A coesão em qualquer grupo primário militar durante o combate exige alguma estima pelo chefe imediato. Entretanto, mesmo a liderança de frações de tropa em combate sentiu-se afetada na Coreia pela officiosa política de retirar os comandantes de pelotão das unidades em primeiro escalão para funções mais seguras à retaguarda quando os recompletamentos de oficiais tornaram-se disponíveis. As praças permaneciam em linha durante todo o seu tempo de serviço no teatro de operações, mas tal não ocorria com freqüência em relação aos oficiais. No Vietname, os oficiais das unidades de combate passavam aproximadamente seis meses em combate enquanto os soldados ficavam 12 meses. Isto será discutido mais adiante como um fator de desintegração do Exército. Ver Roger Little, "Deterioration of Military Work Group Under Stress", na obra de Morris Janowitz — *The New Military* (New York, W. W. Norton, 1969), páginas 195 a 223. Sob uma perspectiva marxista, John Helmes, em "Bringing the Wartime: The American Soldier in Vietnam and After" (New York, Free Press, 1974), argumenta que o soldado proveniente da classe menos privilegiada (operários) no Vietname tornou-se "alienado", e tal se deu por razões ideológicas. Ademais, "resistiram" ativamente por razões ideológicas fundamentadas na classe por eles ocupadas na sociedade. Helmes pesquisou veteranos do Vietname na região de Boston. Sua amostra totalizou 90 entrevistados. Ver Helmer, "Bringing the War Home", páginas 43 a 105.
- 19 — Num Inquérito parlamentar (Forças das Nações Unidas), o General Davis declarou que houve "fraggins" (assassinatos) de oficiais em todas as guerras em que este país se empenhou (ver Quadro 3). Todavia, na I Guerra Mundial, que envolveu mais de 4.700.000 militares norte-americanos, menos de 370 casos de violência dirigida contra superiores foram levados à corte-marcial. Esta baixa taxa permaneceu quase constante durante a II Guerra Mundial e a ação de polícia na Coreia... Somente desde janeiro de 1970, num período em que haviam cerca de 700.000 norte-americanos no Vietname, verificaram-se 363 casos envolvendo atentados com engenhos explosivos... e outros 118 classificados "possíveis..." oficiais de serviço de Justiça Militar estimaram que apenas da ordem de 10% destes atentados terminaram nos tribunais. Como ver-se-á, tais números são baixos. Ver Eugene Linden, *Fragging and Other W. Withdrawal Symptoms*, *Salvadey Review* (8 de janeiro de 1972), 12. Dados sobre assassinatos de oficiais e sargentos são compreensivelmente difíceis de ser obtidos. Os números apresentados foram fornecidos pelo Departamento da Defesa e devem ser tratados com reserva, somente porque tendem a ser excessivamente parciais.

QUADRO 1

ÍNDICES DE DESERÇÃO, NO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO DURANTE A II GUERRA MUNDIAL, A GUERRA DA CORÉIA E A GUERRA DO VIETNAME

II Guerra Mundial			Guerra da Coréia			Guerra do Vietname		
Ano Fiscal	Deserções (em milhares)	%	Ano Fiscal	Deserções (em milhares)	%	Ano Fiscal	Deserções (em milhares)	%
1945	45.2	-28.3	1954	15.7	-30.0	1972	53.3	-27.6
1944	63.0		1953	22.3	0.0	1971	73.5	-40.5
1943			1952	22.0	+54.0	1970	62.3	+23.3
1942			1951	14.3		1969	42.4	-45.7
						1968	29.1	-35.9
						1967	21.4	-45.5
						1966	14.7	-6.7
						1965	15.7	

Fonte: Departamento da Defesa/EUA
Não estimado

Quadro 1 revela os índices comparativos de deserção nas três guerras. Os índices de deserção no Vietname excedem de muito os da II Guerra Mundial e os da Coréia; de fato, o índice alcançou proporções acentuadas entre os anos de 1965-1971, quando aumentou 468%! Neste mesmo período, depois de 1968, o nível em intensidade do combate efetivamente calu. Assim, os dados revelam um paradoxo: os índices norte-americanos de deserção parecem aumentar quando o nível de combate decresceu (medido pelas mortes em ação).

Entre 1968 e 1971, as mortes devidas a ações hostis declinaram uniformemente cada ano, totalizando em quatro anos um decréscimo de 84,5% (ver Quadro 2). Nesse mesmo período, a percentagem de deserção cresceu anual permanentemente perfazendo em quatro anos um aumento total de 60,5%. Assim os dados sugerem que, quaisquer que sejam as razões para a elevação das taxas de deserção, as crescentes baixas em combate não figuram certamente entre elas. Os índices de deserção no Vietname excederam os da II Guerra Mundial em mais de 10 por mil e em mais de 41 por mil, os da guerra da Coréia, ao atingirem seus respectivos pontos culminantes. Na verdade, as médias anuais de aumento de deserções durante a guerra do Vietname excederam os de qualquer outras experiências recentes, apesar do fato de, em termos históricos, comparativamente, no cômputo geral terem se registrado baixos níveis de sacrifício.

Assassinato de oficiais e graduados

As incidências do "fragging" no decorrer da guerra do Vietname, foram tão altas, que se tornaram uma das marcantes características de dissensão da época. O

QUADRO 2

ÍNDICES CORRELATIVOS ENTRE O EFETIVO TOTAL DO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO E TODAS AS FORÇAS TERRESTRES DOS EUA EMPREGADAS NO VIETNAME COM AS DESERÇÕES E MORTES DEVIDAS A AÇÕES HOSTIS POR ANO DE OPERAÇÕES BÉLICAS

Ano	Efetivo do Exército		Efetivo das Forças Terrestres Vietname	Mortes Devidas a Ações Hostis	Deserções (1.000)	Desertores	
	Oficiais	Praças				%	Nº
1965	111.541	1.079.750	184.300	-	15,7	1,10	13.177
1966	117.205	1.296.600	385.300	-	14,7	3,12	44.244
1967	142.964	1.401.750	485.600	8.581 (4)	21,4	1,73	26.782
1968	165.589	1.357.000	543.400	9.387	29,1	2,58	39.321
1969	171.182	1.153.000	475.200	7.043	42,4	4,27	56.608
1970	160.814	1.161.444	343.600	3.911	52,3	6,07	76.843
1971	144.595	962.605	139.000	1.449	73,4	7,13	79.027
1972	120.982	686.892	25.200	195	53,2	5,52	44.643
1973	117.860	703.031	-	-	37,3	3,95	32.500

TOTAL 380.445

- 1) Efetivos do Exército extraídos do inquérito efetuado pela Comissão das Forças Armadas do Senado dos EUA em 1974 do orçamento do Departamento de Defesa para 1974 e das Autorizações para Aquisição; Pesquisa; Desenvolvimento e Construção destinadas à Salvaguarda de Mísseis Antibalísticos no ano fiscal de 1974.
- 2) Dados extraídos do "New York Times" e do "New York Time Index".
- 3) No Vietname, não foi utilizada a expressão "morto em ação", mas, "morte devida a ações hostis".
- 4) Mortes acumuladas desde 1961.

QUADRO 3

ATENTADOS COM ENGENHOS EXPLOSIVOS
NO VIETNAME (ATÉ 31 DEZ. 1972)

Ano	Total de Incidentes	Categorias de Atentados		Mortos	Feridos	Vítimas Visadas			
		Consumados	Presumíveis			Of. e Grad.	Cabos Sold.		
1969	126 (239) 4	96	30	37	191	70	17	7	32
1970	271 (386)	209	62	34	306	154	40	20	57
1971	333	222	111	12	198	158	43	28	104
1972	58	27	31	3	19	31	7	4	20
TOTAL	786 (1016)	554	234	86	714	413	107	59	213

- 1) Quadro reproduzido de fonte do Departamento de Defesa
- 2) Consumados — causados com determinada intenção de matar, aleijar ou intimidar
- 3) Presumíveis — Causados com possível intenção de matar, aleijar ou intimidar
- 4) Números dentro de parênteses obtidos de Inquéritos parlamentares (ver nota 20).

Quadro 3 mostra o número de "fragging" que o Departamento de Defesa admite. Os atentados feitos com "engenhos explosivos" excluem os realizados para matar "elementos de liderança" por outros meios tais como a tiro de fuzil e armas automáticas, emboscada com minas "claymore" e má orientação para locais de cidades inimigas. Além disso, os números publicados como oficiais entram em conflito com o testemunho "oficial" do General de Divisão Kerwin prestado diante de uma subcomissão da Câmara dos Deputados sobre o assunto. Uma vez que parece não haver quaisquer casos históricos semelhantes de atentados dessa natureza em larga

20 — Os dados constantes do Quadro 3 são do depoimento do General-de-Divisão Kerwin diante da Subcomissão de Apropriações, na Câmara dos Deputados, 92º Congresso (Orçamento do Departamento de Defesa para 1972, parte 3, páginas 473 e 474). Os números fornecidos pelo General Kerwin não jogam com os do Quadro 3. Estamos inclinados a aceitar os números maiores uma vez que o Pentágono é compreensivelmente sensível ao "fragging" e não elevará tais dados como o faz, por exemplo, na contagem dos mortos. No mesmo inquérito, o general foi perguntado se tinha idéia exata do volume de tais ocorrências levadas a julgamento. Ignorava, mas declarou que os levantaria. Foi inserido posteriormente na gravação o seguinte: "Investigações procedidas pelo Exército dos EUA no Vietname revelaram que esta informação não existia. A probabilidade é que o número de atentados deste gênero tenha sido muito mais alto. O depoimento do general Davis no mesmo inquérito inclui:

"O 'fragging' não é particularmente novo na guerra." Citou um incidente de ameaças de violência feitas pelos soldados contra os oficiais na batalha de Monte Cedar, na guerra civil. Negou também que os "fragging" no Vietname estavam longe de violência similar praticada contra oficiais em outras campanhas norte-americanas. Talvez seja supérfluo acrescentar que o General Davis não dominava a história militar.

* N. do T. — Um tipo de mina antipessoal destinada a provocar fragmentos direcionais, usada no Vietname pelos norte-americanos.

escala, são inaceitáveis para sua ocorrência. O testemunho do General Kerwin apóia-se fortemente na costumeira idéia de atribuí-los à sociedade "permissiva" e ao ressentimento dos soldados para com os oficiais e graduados devido aos necessários meios "autoritários" "próprios de um ambiente de combate". Em momento algum, aparentemente, a condição ética do quadro de oficiais foi focalizada pelo Congresso, na época das investigações sobre a disciplina militar e a "fragmentação".

Insubordinação

No bojo das revelações de dados sobre o "fragging", mais indícios ameaçadores de desintegração militar vieram a público. Entre eles estavam as "recusas de combate". Em outros exércitos mais rigorosos chamar-se-ia de motim — o que realmente eram. Inquiridos no Departamento de Defesa concluíram o seguinte a respeito dessas manifestações de rebeldia: Quanto às denominadas "recusas de combate", o Departamento do Exército não possui informações relativas a incidentes desta natureza. Desconheço a fonte estatística citada pelo Senador Stennis.²¹ Limitamo-nos a registrar que o Senador John Stennis, da Comissão das Forças Armadas no Senado, durante as audiências para nomeação de Robert R. Froehle para Secretário do Exército em 1971, salientou terem se verificado 68 recusas de lutar em 1968, nas sete divisões que combatiam no Vietname, e, 35 recusas "individuais" só na 1ª Divisão de Cavalaria Aérea, no ano de 1970.²² Obviamente, se tal número de insubordinações ocorreu numa Divisão com uma folha de serviço tão extensa e honrosa, o nível provavelmente era mais alto, por exemplo, na Divisão norte-americana envolvida no caso de My Lai. Mesmo que todas as outras divisões registrassem apenas igual número das ocorrências dessa natureza verificadas na 1ª de Cavalaria, então, em 1970, poderia ter havido tanto quanto 245 semelhantes "recusas" de combater. Sem dados oficiais, podemos apenas inferir que se a progressiva e sintomática desintegração militar evidenciada pelas deserções e assassinatos de chefes também está ligada aos casos de insubordinação constatados, o número dessas últimos incidentes foi muito provavelmente bem maior. Além disso, ao contrário dos motins ocorridos no passado em outros exércitos, normalmente acontecimentos de curta duração, a progressiva má vontade dos soldados norte-americanos para combater, a ponto de chegar a pública desobediência às ordens, deu-se num período de quatro anos, entre 1968 e 1971, ajustando-se aos dados sobre "fragging" e deserção com um grau convergente de credibilidade: as insubor-

21 — Carta pessoal, do Departamento do Exército, datada de 26 de julho de 1972 e assinada por Clayton N. Gompf, respondendo pela subchefia de Política e Programas para o Pessoal Militar. Tal anomalia no banco de dados do Pentágono parece semelhante à do Almirantado Britânico, negando que qualquer registro tenha sido feito do Motim de Bounty ou, na verdade, dos motins das guerras napoleônicas, para não mencionar a negligência francesa nos atos de insubordinação de 1917.

22 — Nomeação de Robert R. Froehle, depoimento diante da Comissão das Forças Armadas, Senado dos EUA, junho de 1971, páginas 9 e 11.

dinações no Vietname tornaram-se atos de rotina e não constituíram eventos esporádicos.

Drogas

O problema do uso de entorpecentes entre as tropas norte-americanas no Vietname, especialmente drogas que viciam muito, como a heroína, chegou a uma situação *sui generis*. A aquisição, a distribuição organizada e o uso das drogas não podem ser dissociados do crime e da corrupção praticados aos níveis dos estados-maiores bem como dos comandos superiores e intermediários. Aqui constatamos a evidência de um excepcional grau de desintegração, não somente da tropa em primeiro escalão, mas também de seus líderes. Ademais, quando integrantes do corpo de oficiais — alguns de fato em posições muito altas — vêem-se envolvidos em casos de exploração de drogas, não é ilógico esperar que a mancha de culpa se espalhe sobre outros elementos do aludido quadro e achar que a tropa venha a desrespeitar seus chefes. Aquelas tropas em combate, por menor que o fosse, foram submetidas a um tráfico organizado de fortes narcóticos, sem paralelo. Mais extraordinário, as drogas ficavam expostas ao público em lugares conhecidos por todos os militares, de general a soldado, e pouco era feito para reprimir o tráfico delas. Os escalões mais elevados achavam-se tão preocupados com as conveniências políticas que a distribuição organizada de drogas era aceita como necessária para apoiar o governo sul-vietnamita — o próprio fornecedor dos entorpecentes destruidores do exército que o defendia.²³

Desconhece-se a verdadeira extensão do uso de drogas fortes pelas tropas norte-americanas nos últimos anos no Vietname. O método empregado para descoberta dos viciados no Vietname, foi a triagem pelo exame de urina pouco antes da partida. Por este método, comprovou-se que 5,5% da tropa fizera uso de heroína. Poucos aceitaram esta percentagem como real, uma vez que os militares viciados lançaram mão de muitos artifícios para evitar serem descobertos. Em levantamento realizado no ano de 1971 pela "Human Resources Research Organization — Humrro" (Organização de Pesquisa de Recursos Humanos) em mais de 40.000 militares por todo o mundo, verificou-se que a extensão do uso de drogas nas forças armadas, em geral e particularmente, no Vietname, era mais de "cinco vezes superior ao que indicavam as estatísticas oficiais". O Quadro 4 mostra o resultado das pesquisas Humrro.²⁴

23 — Apesar do Exército Francês ter operado na mesma área e sob condições similares, nenhuma prova indica que haja experimentado um problema de droga na primeira guerra da Indochina. Certamente o comando francês não teria tolerado a fantástica rede de drogas admitida pelo norte-americano no Vietname.

24 — *Humrro Study*, página 423. Outras descobertas revelam uma inversa relação entre drogas e o nível educacional (página 428): os negros faziam um uso ligeiramente maior do que os brancos (página 430); o consumo diário era mais elevado entre o pessoal técnico do que no meio dos infantess (página 432); os viciados informaram que drogas eram facilmente obtidas nas bases, nos navios e nas cidades (página 439). A fonte é um inquérito do Senado mencionado no Quadro 4 que reproduz o estudo *Humrro* citado.

QUADRO 4

PERCENTAGEM DE PESSOAL DO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO QUE INGERIU DROGAS NOS DOZE MESES DE 1971 POR LOCAL DE SERVIÇO

Local de Serviço	Maconha %	Tipo de Droga		Estimulantes %	Sedativos %	Narcóticas %
		Outras Drogas Psicodélicas %				
Estados Unidos	41,3	28,4		28,9	21,5	20,1
Europa	40,2	33,0		23,0	14,0	13,1
Vietname	50,9	30,8		31,9	26,1	28,5
Sudeste da Ásia	42,0	23,2		24,7	18,1	17,6
Total	42,7	29,4		28,0	20,4	20,1

Fonte: Abuso de Drogas entre Militares (Inquérito da Subcomissão) sobre Abuso de Drogas entre Militares — Comissão das Forças Armadas do Senado dos EUA, 92º Congresso, 1972, página 127.

No Vietname, quase um terço do Exército fazia uso de uma droga forte, enquanto 1 em 5 soldados dos Estados Unidos ingeriu entorpecentes em outras regiões do mundo. Nenhuma outra população ocidental moderna apresenta índices remotamente parecidos com estes do Exército Norte-Americano em 1971. Além disso, a introdução, a distribuição e a venda de heroína no Vietname estavam vinculadas a um sistema acionado e operado por membros do alto escalão do governo vietnamita. Mais singular ainda, são as críticas a respeito do "Country Team" norte-americano liderado pelo Embaixador Elsworth Bunker. Em seu trabalho sobre a produção, distribuição e venda de heroína no Sudeste da Ásia, Alfred W. McCoy fornece provas de que os diplomatas e o alto-comando militar norte-americano não somente estavam cientes do envolvimento oficial vietnamita na trama da heroína, como também, ocultando os fatos e bloqueando as investigações, eram culpados de permanente cumplicidade, uma cumplicidade ainda mais direta foi debitada à CIA, que transportou, por meio da "Air America", uma sua subsidiária, carregamentos de heroína e ópio do Laos para o Vietname.²⁵ Tanto a CIA como o corpo diplomático norte-americano frustraram e bloquearam as investigações sobre o tráfico de heroína por outros elementos do governo federal.²⁶ De qualquer maneira, o uso da heroína no Exército é inserido aqui como outro inequívoco sinal de

25 — Alfred W. McCoy, *The Politics of Heroin in Southeast Asia* (New York, Harpes A. Row, 1972, páginas, 171, 172 e 218)

26 — *Ibid*, páginas 247, 263 e 264.

decadência militar interna beirando o colapso. Nenhum exército pode funcionar, e muito menos lutar, quando 28,5% de suas tropas consomem heroína, nem pode acatar uma liderança que tolera a extorsão da droga.²⁷

O CORPO DE OFICIAIS NORTE-AMERICANO

Os exércitos são, em grande escala, produto de suas lideranças: boa liderança, dedicação, integridade e competência levam à coesão militar. Inversamente, má liderança parece intimamente associada com desintegração: um alto índice de deserção pode ser explicável, até uma insubordinação ou duas; mas quando a deserção, o "fragging", o motim e o vício de drogas vêm juntos em proporções avassalantes, num curto período de quatro ou cinco anos, referências mais que simplistas a sociedades permissivas e "divisão" nacional, devido a guerras impopulares, não satisfazem como interpretações dignas de crédito.²⁸ Bem sabendo que o comércio de heroína, que estava destruindo suas forças, era operado por seus aliados do alto escalão vietnamita, em conluio com as altas autoridades norte-americanas, nem um só oficial superior no Vietnã protestou ou exonerou-se por causa da situação. De fato, parece que não houve exoneração de generais em protesto por qualquer motivo, enquanto o Exército Norte-Americano esboroava-se literalmente como um mecanismo eficiente de combate. Por que tudo isto aconteceu e somente nessa guerra? Até que ponto o corpo de oficiais pode ser considerado culpado? Até que ponto foram eficientes os esforços dos líderes para organizar grupos primários e fortalecer o moral? Quão disposta estava a liderança para compartilhar do ônus do combate e da morte, expondo-se aos mesmos riscos que os soldados da linha de frente corriam? As respostas a estas perguntas certamente ajudariam a compreender o processo de desintegração que ocorreu no Exército Norte-Americano no Vietnã.

Um dos primeiros fatores relativos ao corpo de oficiais do Exército a analisar é o seu grande efetivo. Até 1918, o quadro de oficiais representava, em média, cerca de 5,3% do efetivo total do Exército. Pelos anos trinta, as percentagens de oficiais variavam de 7% a 9%. No final da II Guerra Mundial, os oficiais representavam 7,7% do efetivo geral, sem considerar a Força Aérea do Exército. O Quadro 5 ilustra o crescimento do corpo de oficiais, que se estabilizou em cerca de 11% nos anos sessenta, caiu para uma média de 9% de 1965 a 1967, e então subiu para quase 15% do efetivo total em 1972, atingindo a proporção de um oficial para cada 5,7 praças. Comparando com a II Guerra Mundial, o número de oficiais aumentou

27 — Ibid., páginas 350 e 351.

28 — Convém aos estudiosos do assunto ler nos relatórios dos inquéritos parlamentares as fracas respostas dadas pelos generais às perguntas formuladas por senadores e deputados a respeito de atentados contra superiores hierárquicos, insubordinações, deserções e drogas, que podem explicar a prolongada relutância do Congresso de efetivar investigações pormenorizadas a fim de apurar as causas de forças armadas tão dispendiosas terem se permitido chegar à desintegração. Como um exemplo, ver a nomeação de Robert R. Froehke: inquérito, páginas 220 a 251.

em quase 100%. Mesmo comparado a 1965, o começo da grande ofensiva vietnamita, o número de oficiais cresceu de 9,4% para 15% do efetivo total, o equivalente a um crescimento de 59,9%. Tomados em conjunto com os dados constantes dos Quadros 2, 3 e 4, o aumento de indícios de desintegração parece estar associado com a extrema expansão do quadro de oficiais a níveis até então desconhecidos no Exército. O Exército Alemão, sabemos, foi historicamente "deficiente" em termos de oficiais. A maioria dos exércitos, considerando os padrões norte-americanos, possuía muito poucos oficiais; assim era, de fato, o Exército Francês na Indochina.

Onde fatores extrínsecos ao sistema militar não podem ser claramente relacionados com a sua desintegração, maior responsabilidade pode ser atribuída aos internos pela desintegração ocorrida no Vietname. Alguns dos principais fatores intrinsecamente militares via de regra difundidos, ligados à desintegração e aliados a outras influências discutidas anteriormente, aparecem abaixo:

- (1) Considerando o seu número, os oficiais do Exército Norte-Americano não compartilharam do ônus do combate imposto a seus homens. De fato, o total de praças nas linhas de frente representava apenas uma limitada parcela de todas as forças existentes no teatro de operações. Em 1968, no auge da ofensiva, menos de 80.000 combatentes podiam ser colocados em ação, apesar do efetivo totalizar 543.000 homens no Vietname.
- (2) A natureza tática da guerra e sua configuração logística criaram um sistema circular ao invés de linear: isto é, um grande número de oficiais e de homens, na maioria de especialidades não combatentes, ficavam nas áreas das bases. Portanto, as tropas combatentes estavam subordinadas a um grande número de oficiais de alta patente com enormes e visíveis privilégios e imunes ao perigo, em muito maior escala do que em qualquer outra guerra anterior.
- (3) Os oficiais gerais integravam um sistema profissional que era manifestamente corrupto. Inevitavelmente, a tropa perdia o respeito por chefes que, profundos conhecedores do tráfico de drogas e de sua exploração, pouco faziam para eliminar estas práticas amorais e pessoalmente vantajosas.

Estes fatores incidem mais sobre o quadro de oficiais do que no Exército como um todo, em particular, porque o excesso de oficiais pode ter afetado as fileiras em termos de coesão militar. Desse modo, o resto deste estudo será dedicado a cada um desses fatores, já que parecem ser indicadores, talvez mesmo causas, da desintegração do Exército Norte-Americano no Vietname.

QUADRO 5
EFETIVO DO EXÉRCITO DE 1867 A 1974
COMPARAÇÃO ENTRE O NÚMERO DE OFICIAIS E PRAÇAS

ANO	Oficiais	Praças	Efetivo Total	Relação Oficiais/Praças	Percentual De Oficiais em Relação ao Efetivo Total
1867 (a)	3.056	54.138	57.194	1:17,7	5,34
1898	10.516	199.198	209.714	1:18,94	5,01
1900	4.227	97.486	101.713	1:23,08	4,15
1918	130.485	2.265.257	2.395.742	1:17,38	5,44
1945	891.863 (481.486)	7.376.295 (5.741.729)	8.267.858 (6.223.195)	1:8,27 (1:11,92)	10,78 (7,73)
1953	145.883	1.388.182	1.533.815	1:9,53	9,49
1955	121.947	987.349	1.109.296	1:8,1	11,0
1956	118.364	907.414	1.025.778	1:7,7	11,5
1957	111.187	886.807	997.994	1:8,0	11,1
1958	104.718	794.209	898.925	1:7,6	11,6
1959	101.690	760.274	861.964	1:7,5	11,8
1960	101.236	771.842	873.078	1:7,6	11,6
1961	100.335	776.327	876.662	1:7,7	11,4
1962	115.578	950.826	1.066.404	1:8,2	10,83
1963	108.299	867.817	975.916	1:8,01	11,09
1964	110.276	854.950	965.226	1:7,42	11,42
1965	111.541	1.079.700	1.191.241	1:9,68	9,36
(Concentração)					
1966	117.205	1.296.600	1.413.805	1:11,06	8,29
1967	142.964	1.401.700	1.544.664	1:9,8	9,25
(Tet)					
1968	165.569	1.357.000	1.522.569	1:8,07	11,01
Início dos "Fraggins"					
1969	171.882	1.153.000	1.324.882	1:6,7	13,08
1970	160.814	1.161.444	1.262.258	1:7,2	12,6
1971	148.623	971.871	1.120.494	1:6,5	13,26
Fim da Guerra					
1972	120.982	886.892	807.674	1:5,7	14,97
1973	117.860	703.031	820.891	1:5,96	14,35
1974	110.280	889.646	799.906	1:6,25	13,78

- a. Dados de 1867 a 1964 extraídos da "História do Exército dos Estados Unidos" páginas 566/569, de autoria de ROSSELL F. WEIGLEY.
- b. Os números entre parênteses traduzem o efetivo do Exército menos a Força Aérea do Exército Fonte: Efetivo do Exército, de 01 Jan 1945. (Protocolo dos relatórios do QG-páginas 3/31 [Cópia nº 40, de 05 Jul 1945].)
- c. Todas as informações relativas aos Oficiais, após 1965, incluem os subtenentes Efetivos obtidos de numerosas fontes parlamentares, mas principalmente da "Comissão das Forças Armadas do Senado e Comissão de Crédito da Câmara dos Deputados" (anos fiscais de 1966/1975).

QUADRO 6

PRORROGAÇÃO DE OFICIAIS/PRAÇAS NAS II GUERRA MUNDIAL,
GUERRA DA CORÉIA E GUERRA DO VIETNAME

Posto e Graduação	II Guerra Mundial (1945)		Guerra da Coréia (1953)		Guerra do Vietname (1971)	
	Número	Proporção de Praças	Número	Proporção de Praças	Número	Proporção de Praças
General	1.188	1:4,916	479	1:2,953	498	1:1.952
Coronel	8.547	1:672	5.155	1:274	5.947	1:163
Ten Cel	22.184	1:268	13.100	1:108	14.577	1:87
Major	48.794	1:118	18.271	1:77	22.266	1:44
Capitão	135.348	1:42	33.410	1:42	49.073	1:20
1º Tenente	186.238	1:35	31.920	1:44	23.907	1:41
2º Tenente	75.368	1:76	31.467	1:45	13.666	1:71
Subtenente	23.819	1:242	13.483	1:105	18.689	1:52
Total de Oficiais	491.466	1:11,9	147.285	1:9,6	148.623	1:6,5
Total de Praças	5.741.729	-	1.414.711	-	971.871	-

- a. Números relativos a 1945 e 1953 extraídos dos "efetivo do Exército", em 01 Jun 45 (Cópia nº 40, RCS, QC-P3-31); "Efetivo do Exército", em 30 Jun 53 (Cópia nº 122, RCS, CSGPA-332). Dados do efetivo máximo atingido no Vietname obtidos de "Depoimentos Prestados à Comissão das Forças Armadas do Senado dos EUA, 93º Congresso S-1263, Parte 8, Potencial Humano, página 5443". Os relatórios acerca do efetivo do Exército de 1961 em diante permanecem sigilosos, conforme informou fonte do Senado.
- b. Subtraído o efetivo da Força Aérea do Exército dos EUA na II Guerra Mundial.
- c. Este data assinala a época em que os "fraggins", as deserções e o consumo de drogas atingiram o seu ponto culminante.

OS OFICIAIS NO VIETNAME: UMA PERSPECTIVA DE
CONDUTA

O efetivo do quadro de oficiais do Exército precisa ser entendido historicamente e em termos da proporção oficial/praça. O Quadro 6 mostra o aumento comparativo do efetivo de oficiais, por posto, num período de três guerras, segundo a relação oficial/praça. Sendo os aumentos claros e interessantes de notar, convém observar, também, a distribuição das baixas por posto e graduação, nas três guerras (ver Quadro 7).²⁹

29 — As diferenças foram ainda bem maiores na Coréia do que nos outros dois conflitos (ver Quadro 8). Entretanto, nessa discussão sobre guerra "linear", contrastando com a "circular" mostrará o porquê dos convocados na Coréia não perceberem o baixo número, proporcionalmente, de perdas de oficiais de imediato como se verificou no Vietname. As tropas tanto na II Guerra Mundial como na Coréia raramente viram muitos oficiais em seus deslocamentos para as linhas de frente, mas no Vietname isso aconteceu.

Analisando os dados do Quadro 7, constata-se que os generais e coronéis foram menos sacrificados, apesar do enorme aumento em seu número relativo (ver Quadro 6). Mas, com respeito às baixas de oficiais superiores, 34% mais praças morreram em ação no Vietname do que generais, se comparados os dados relativos às médias de perdas verificadas na II Guerra Mundial*. Existem argumentos que apóiam o crescimento do quadro de oficiais superiores: a expansão da tecnologia e a conseqüente "exigência" da supervisão por oficial dos complexos sistemas de armas de comunicações, o número de oficiais na cadeia de informações e os mantidos em várias escolas. Estes argumentos não são convincentes e não conseguem explicar suficientemente a inflação quase sem fim do quadro de oficiais.

Recapitulando as proporções dos efetivos e de mortes, o Quadro 8 sintetiza a relação entre os percentuais de oficiais e praças, a perda relativa sofrida no Vietname por cada grupo. Embora o total de oficiais mortos em combate possa ter aumentado no Vietname, em comparação ao da II Guerra Mundial, se considerado o efetivo global do aludido quadro, tais perdas foram pequenas. O Quadro 8 revela que, no Vietname, o fardo da guerra incidiu de maneira acentuada sobre os subalternos, particularmente nos tenentes e nas praças, enquanto as mortes de oficiais superiores e generais diminuíram de pelo menos 1 terço.

Certamente, pode ser assinalado sem medo de erro que a percentagem de todas as mortes de oficiais registradas no Vietname (10,7%), comparada a da II Guerra Mundial (7,01%) é bem mais alta. Mesmo assim, as perdas de oficiais no Vietname podem ser um tanto ilusórias, pois incluem elevadíssimo número de subtenentes (679 de 3.269 ou 21% do total de baixas de oficiais), percentual este que foi comparativamente reduzido durante a II Guerra Mundial e na Coréia. Se as baixas de subtenentes forem deduzidas das perdas globais de oficiais no Vietname, a verdadeira percentagem destas será de 8,4% do total de mortes devidas à ação hostil. Deve-se salientar que a posição dos subtenentes na escala hierárquica militar é anômala, as praças não os reconhecem como oficiais nem estes consideram-nos como companheiros do mesmo "status" ou círculo. Até o sistema de avaliação do Exército, com freqüência, cataloga os subtenentes separadamente dos oficiais e praças.**

* No Vietname, sucumbiram em ação também mais de 54% de praças do que coronéis, levando-se em comparação as baixas de oficiais daquele posto ocorridas no conflito armado de 1939-1945.

** Além disso, a participação dos subtenentes no combate raramente se verificou em terra, tendo atuado eles quase sempre como pilotos de helicópteros, atividade que pode ser responsabilizada pela grande maioria de baixas nesta graduação, mais do que no exercício de funções de comando de frações de tropa no campo de batalha.

QUADRO 7

RELAÇÃO OFICIAIS/PRAÇAS MORTOS EM COMBATE

Posto	II GUERRA MUNDIAL (1941-1945)		GUERRA DA CORÉIA (1950-1953)		GUERRA DO VIETNAME (1961-1972)	
	Quantidade-Proporção		Quantidade-Proporção		Quantidade-Proporção	
General	25	1:6.766	2	1:13.084	3	1:9.074
Coronel	77	1:2.206	5	1:5.234	8	1:3.407
Ten Cel	338	1:503	21	1:1.246	55	1:495
Major	466	1:365	71	1:369	135	1:201
Capitão	2.115	1:80	252	1:104	720	1:38
1º Ten	5.168	1:33	716	1:37	1.206	1:23
2º Ten	4.499	1:38	445	1:58	463	1:59
Subten	122	1:1.393	23	1:1.138	679	1:40
Total de Baixas de Oficiais	12.810 = 1:13.26		1.512 = 1:17.31		3.269 = 1:8.33	
Total de Baixas de Praças	169.891		26.169		27.222	

- a. Perdas em combate do Exército — Relatório Final RCS-CSAP (OT) 87, 1953 Adjunta Geral do Exército dos EUA (excluídas as perdas da Aviação do Exército).
 b. Perdas em combate do Exército, RCS-CSG PA-363, 1954, DA CSG1, USA.
 c. Levantamento de Baixas no Vietname realizado pelos computadores do Departamento da Defesa.

Ainda outro aspecto das baixas de oficiais precisa ser mencionado. Sabemos que ocorreram assassinatos de oficiais e que provavelmente menos de 10% dos atentados realizados com sucesso ou não foram noticiados. Conseqüentemente, *algumas* das mortes de oficiais devidas à ação hostil podem ser atribuídas ao "fragging" ou a outros meios. De fato, existem alguns dados assaz curiosos no "Levantamento das Baixas no Vietname" por computador (ver Quadro 7): o Exército perdeu 89 vidas devido a "homicídios intencionais"; 534 a "homicídios acidentais"; 1.394 a "outros acidentes", num total de 2.017. Nestes dados não estão incluídas as "mortes por ação hostil", nem tampouco são elas explicadas. Acresça-se que, as perdas devidas exclusivamente a acidentes de helicóptero, são bastante elevadas, sendo 2.352 causadas por ações "hostis" e 1.831 por "não-hostis". Do total de 4.183 mortes ocasionadas por acidentes de helicópteros, 554 foram pilotos, e, portanto, de oficiais ou subtenentes em ação hostil. Já que estas mortes foram dadas como "em ação" (e o Exército tende a dar crédito a morte em combate quando pode fazê-lo de forma verossímil), então uns 17% de todas as perdas de oficiais poderia ter sido associada a desastres de helicópteros. Além disso, cumpre recordar que o Exército admite assassinato por meio de engenhos explosivos e que

existem poucos aparelhos mais fáceis de sabotar do que um helicóptero. Sem considerar a maneira pela qual vêm a falecer os pilotos de helicópteros e suas tripulações, como aconteceu com o pessoal da Força Aérea na II Guerra Mundial, geralmente morrem sós. Via de regra, não sucumbem à frente de seus homens e, conseqüentemente, tais mortes não podem ser encaradas como tendo o mesmo impacto, em termos de reforçar a percepção de sacrifícios compartilhados como seria a morte de um comandante de pelotão ou de companhia.

QUADRO 8

TENDÊNCIAS COMPARATIVAS NOS EFETIVOS RELATIVOS POR POSTOS E BAIXAS

II GUERRA MUNDIAL, CORÉIA E VIETNAME

	II Guerra Mundial %	Coréia %	Vietname (1972) %
Efetivo de Oficiais do Exército	7.29	10.5	14.9 (a)
Mortes de Oficiais dentre todos os óbitos devidos a ações hostis	7.01	5.45	10.7 (8.4) (b)
Efetivo de Oficiais Superiores (General a Major) do Quadro de Oficiais	16.74	25.12	29.12 (c)
Mortes de Oficiais Superiores dentre todos os óbitos devidos a ações hostis	7.07	4.47	6.1

(a) Ver Quadro 5. Até 1972 o efetivo de oficiais alcançara 14,97% do total.

(b) A percentagem dentro de parênteses mostra as perdas de oficiais, deduzidos os óbitos em ação de subtenentes.

(c) Ver Quadro 6. Apenas os oficiais-generais tiveram seu número aumentado de 152%. Em termos burocráticos a presença de generais cria o efeito bizantino. Quanto maior o posto maiores as pressões para elevar o número destes julgados necessários, a fim de afirmar a importância do seu ocupante — um tipo de "parkinsonismo" militar.

Os dados disponíveis sugerem que o maior índice de baixas de oficiais no Vietname, comparado ao da II Guerra Mundial (encontrado nas estatísticas oficiais divulgadas), é altamente suspeito, devido a existência de uma variedade de perspectivas. Embora os dados sejam confusos, o fato é que o soldado em combate não compreendia os oficiais não experimentarem nem de perto aos níveis de sacrifício a

situação deles como injustificadamente privilegiada e as tropas reagiam contra isto.

Admitindo-se como uma tendência na moderna guerra norte-americana a probabilidade de mortes cada vez maior nas graduações mais baixas, é óbvio que os homens mandados para a morte podem não somente deixar de compreender as razões da existência de estados-maiores afastados dos riscos da batalha, como também, podem vir a guardar rancor de pessoas privilegiadas que vivem isentas de tais perigos. Esta animosidade não pode ser surpreendente, quando o sistema ostensivamente protege cada vez mais seus integrantes, até mesmo da parte inferior da escala hierárquica dos riscos provenientes da estrutura organizacional alicerçada necessariamente nos oficiais. Em outras guerras, as tropas combatentes jamais teriam compreensivelmente se ressentido e contestado as "imunidades" do escalão de retaguarda nas proporções em que se tornavam visíveis no Vietname.

A organização da guerra no Vietname era diferente e é uma causa evidente de iniquidades em campanha. Não se tratará de mais uma guerra "linear", mas tridimensional. A luta no Vietname desenvolveu-se apoiada em bases militares e de fogos, onde os combatentes e não-combatentes misturavam-se seguidamente, proporcionando às praças, com freqüência, uma acurada percepção das exageradas diferenças de estilo de vida entre o pessoal das armas-base e de apoio. O impacto dos elementos fornecidos pelo Quadro 8 e das análises anteriores é que os líderes estabeleciam as regras do jogo — as de dever, honra e pátria — não as cumpriam mas tinham a seu cargo a fiel observância delas. E parece bem provável que as tropas sabiam disso. Se acrescentarmos a tudo isso que o quadro de oficiais chegou a ser encarado como carreirista, "em leilão", mentiroso e hipócrita, a desagregação da organização militar se torna facilmente compreensível.

A EXPERIÊNCIA FRANCESA E ALGUMAS COMPARAÇÕES

Excetuando-se o número de homens e os níveis de tecnologia, o desafio militar enfrentado pela França na Indochina não era radicalmente diferente do aceito pelos Estados Unidos. No seu auge, a Força Expedicionária Francesa (FEF) alcançou um efetivo de cerca de 151.000 homens.³⁰ No Exército Francês, como um todo, o percentual de oficiais era de aproximadamente 4,9% do efetivo total, ou seja uns 33.000 em 675.000 homens. As perdas em ação de oficiais franceses na Indochina totalizaram 2.221 ou 6,73% de todo o corpo de oficiais do Exército Francês.³¹ Por

30 — *Britannica Book of the Year*, 1954, página 81. Ver Orville D. Menard, *The Army and the Fifth Republic* (Lincoln University of Nebraska Press, 1967), página 69.

31 — Menard, *The Army and Fifth Republic*, página 58. Menard observa que durante a Guerra da Indochina, um dentre cada três oficiais formados pela Academia Militar de St. Cyr morreu no Vietname. Joseph Buttinger informa que em todo o conflito de Indochina, 29.605 franceses e 11.620 legionários estrangeiros (de um total de 41.225 homens) pereceram. Os remanescentes 41.995 pertenciam às tropas "coloniais". Ver Joseph Buttinger, *A Dragon Embodied*, vol. 2 (New York, Praeger, 1967), página 1.071, nº 2. Uma razão da OES durante o caso argeliano ter sido capaz de durar tanto foi a profunda lealdade dedicada aos oficiais pelas praças francesas, por saberem que seus chefes nunca os mandavam para a morte sozinhos.

consequente, com um efetivo máximo de 151.000 homens na FEF, o número provável de oficiais, sendo em média 5%, era 7.550. Assim 2.221 oficiais perdidos em ação constituíam uns 29% do maior efetivo de oficiais franceses registrado na Indochina. Do total de baixas do Exército Francês, 11,3% foram de oficiais (5.347 oficiais no total de 47.048 baixas francesas). Do total de desaparecidos e mortos em combate ou em consequência de ferimentos recebidos em ação de todas as armas na Indochina, os oficiais constituíam 11,89%.³² Em comparação, avaliou-se o efetivo de oficiais do Exército Norte-Americano em 163.395, no período de 1968 a 1971 e que 2% deste número morreram devido à ação hostil.

Não podemos identificar qualquer indício de perda de coesão na FEF, considerados os padrões aceitos pelos Exércitos Alemão ou dos Estados Unidos. Não foram detectados excessos de deserção, drogas, insubordinação ou atentados. Os oficiais franceses não tiveram seus efetivos aumentados, mantiveram um padrão de alta qualidade e aceitaram o ônus da morte em proporções muito superiores relativamente ao número de homens que comandavam, isto é, não há indicações de indiscriminada desintegração ocorrida no Exército Regular Francês ou na Legião Estrangeira, enquadrada exclusivamente por oficiais franceses. Além do mais, como no Exército Alemão, os franceses sofreram derrotas — uma das quais catastrófica, Dien Bien Phu. Nada disso parece ter afetado a coesão do Exército Francês.

Em muitos aspectos, o Exército Francês na Indochina manifestou aquelas qualidades "germânicas" de um pequeno mas excelente quadro de oficiais, ou seja, a capacidade de preservar o respeito da tropa e a manutenção dos grupos primários apontados anteriormente. O Exército Francês no Vietname constituía-se, na maior parte, de voluntários, mas a qualidade das tropas, até onde as origens sociais são consideradas, não diferia sensivelmente da revelada por outros soldados ao longo da história, isto é, era proveniente das camadas mais baixas. De qualquer modo, em 1970, no Vietname, 61% do Exército dos Estados Unidos era voluntário (RA)*. É verdade que comparações podem ser exageradas e se tornarem inacreditáveis, contudo as tropas Francesas lutaram sob condições bem mais difíceis do que as enfrentadas pelos norte-americanos se considerarmos apenas que lhes faltava helicópteros em grande quantidade e apoio aéreo maciço, como também inventos úteis, apesar de condenáveis, a exemplo do desfolhante empregado no Vietname. No cômputo geral, sob condições grosseiramente similares, o talento francês para manter a coesão contrasta com deserção, assassinato de oficiais, vício de drogas e insubordinação verificada entre os norte-americanos, indicadores da desintegração no Exército dos EUA.

O MEIO AMBIENTE E O AMBIENTE OPERACIONAL

Em cerca de 11 anos (1961-1971) de guerra no Vietname, observamos que o corpo de oficiais expandiu-se de tal forma atingindo elevadas cifras jamais

32 — Dados do *Secretariat d'état aux anciens combattants*, carta pessoal datada de 26 de setembro de 1974.

* N. T. — Abreviatura inglesa de "Regular Army" (Exército Ativo ou Permanente Profissional).

registradas na história. Ao mesmo tempo, o contingente de mais alta qualidade julgado disponível para recrutamento de oficiais buscou refúgio em universidades e faculdades que se tornaram os centros de oposição à guerra. Os CPOR fizeram-se cada vez mais impopulares e deixaram de ser uma fonte de liderança. Verificamos pelos dados existentes que o número de diplomados por faculdades incorporados ao exército, caiu drasticamente durante a guerra do Vietname.³³ O efeito final sobre a qualidade do oficial, ocasionado pela necessidade de aceitar oficiais com poucas qualificações, ainda está por ser examinado. Que existe alguma correlação entre desintegração e um corpo de oficiais pouco qualificado parece evidente pela análise dos dados.

Em circunstâncias comuns, o baixo nível do quadro de oficiais e seu desproporcional efetivo poderiam afetar apenas ligeiramente as operações e a disciplina. Na Coréia e na II Guerra Mundial, o contato direto dos soldados com os oficiais, em particular com os superiores, era bem limitado. A instrução básica envolvia, essencialmente, sargentos e uns poucos oficiais subalternos e capitães comandantes de subunidades. A mesma situação persistia durante o combate, ainda que prolongado. Na verdade, quanto mais durava a batalha e maior a perda de oficiais, menos os oficiais lutavam no "horizonte de percepção" das praças.

No Vietname, as condições foram radicalmente diferentes. Para agravar as manifestas diferenças de privilégios na escala hierárquica, havia a política de rodízio aplicada aos oficiais, quando se impunha experiência de combate. Com freqüência, os oficiais serviam em seus comandos (de combate) por aproximadamente seis meses em 1B. Enquanto isso as praças tinham, normalmente, que permanecer em combate durante todo o tempo de serviço.³⁴ Não podia passar despercebido às tropas que o principal objetivo de tal política era fazer carreira (furar o cartão) e não a colimação da "honra e do dever", e, muito menos, enfatizar a tradicional imagem do comandante dedicado a seus homens. Junto com o sistema de rodízio geral, as mudanças de comando cada vez mais freqüentes apenas aumentavam a turbulência moral e disciplinar, e a colocação de comandantes inexperientes em unidades experimentadas — o primeiro sempre tentando demonstrar sua competência, para se promover, valia-se constantemente de táticas imprudentes ou alterações de rotinas — criavam ainda mais confusão. As tropas dificilmente poderiam fazer um conceito elevado de seus oficiais, em espaço de tempo tão limitado ou sob tais

33 — Ver notas 16 e 17.

34 — A decisão de adotar a política de rodízio por um ano não foi exclusivamente militar, portanto o Exército deixa de ser total responsável pela medida. Ao contrário, era a inevitável consequência de uma política idealizada para opor-se à mobilização geral do país. O Exército, assim, enfrentou o problema de como comandar uma força sem ter condições de empregar seus oficiais por tempo ilimitado enquanto durasse o conflito. Adotou-se a política de freqüentes rodízios baseada no princípio da "equidade", a expectativa de que todos os oficiais serviriam pelo menos um período de tempo no Vietname. Com este propósito, a política de rodízio foi imposta aos militares. Contudo, os efeitos da política de rodízio podem ser exagerados. Um período de um ano de serviço também foi a norma adotada na Coréia, durante a fase de combate, mas os indicadores de desintegração não se faziam notórios entre as unidades norte-americanas na Coréia.

circunstâncias. E se o respeito da tropa pelos seus oficiais é importante para a coesão, por conseguinte em circunstâncias que não o permitem desenvolver-se, devido à premência de tempo e à conduta dos oficiais, a coesão do grupo primário só pode ficar afetada.

Outro provável fator que destruiu a coesão, foi a excessiva carga de combate imposta aos conscritos. Os números do Quadro 9 mostram que, tanto em valores absolutos como percentualmente, os convocados do Exército, no Vietname, sofreram maior número de baixas do que os voluntários — "vitalícios". Uma das razões que contribuíram para isto foi o sistema instituído pelo Exército. Os voluntários recebiam muito mais atenção na escolha de uma especialidade — quase inevitavelmente não-combatente. Mais ainda, no Vietname era possível escapar da "selva", reengajando por um período mais longo e, talvez, prolongando a estada naquela área, o prêmio pelo reengajamento equivalia à garantia de uma função de não-combatente. Tornando-se militar profissional, podia se escapar do combate; a hostilidade dos convocados para com os "vitalícios" fica, portanto, evidente e compreensível.

Alguns dos escalões superiores do Exército, admitindo sinais de desintegração, desenvolveram uma certa *apologia pro vitis nostris*. Um argumento escutado com freqüência é que as mudanças bruscas na sociedade, a diluição dos valores tradicionais, a rejeição do lar, da família, da pátria e do dever, na nação em geral, e particularmente entre a juventude, são a causa. Isto força o Exército a arcar com o ônus de abrigar uma juventude despreparada para a vida em sociedade pelos pais ou uma indulgente consigo mesma, hostil à autoridade legítima e indiferente ao interesse nacional. O tema desta análise é que tal alegação encontra-se em aberto sujeita a um sério debate.

Em primeiro lugar, pesquisas sociais e históricas revelam que os sistemas militares podem persistir de forma disciplinada e eficiente por muito tempo após as sociedades que os criaram haverem sofrido grandes mudanças. O caráter disciplinar da legião romana perdurou-se até muito depois da queda da sociedade de Roma e, mesmo, durante o período de "barbarização" daquele Exército. Cumpre lembrar ainda que a tradição prussiana manteve-se através de múltiplos regimes e guerras até 1945. Em consequência, parece não existir racionamento causal entre a qualidade de um exército e a de sua sociedade.

Segundo, a juventude permissiva, que rejeita as noções de dever, disciplina e sacrifício, tende a se concentrar em grande escala nas classes alta e média, que, por várias razões, foram poupadas do recrutamento. As classes privilegiadas não representam o soldado combatente recrutado. As fileiras das unidades das armas-base tendem, pelo contrário, a ser preenchidas pelas classes média-baixa e menos favorecidas; grupos aos quais faltam os recursos que tanto permitem o luxo de cair fora como encontrar seguro refúgio da convocação para o serviço militar em uma universidade ou uma faculdade. Por conseguinte, o nível social das unidades de combate do Exército no Vietname não diferia muito da dos contingentes que mobilizaram os exércitos das nações ocidentais durante séculos, isto é, era constituído de

pequenos proprietários rurais e das classes trabalhadoras urbanas. Isto, portanto, leva a uma única conclusão, ou seja, que o subsistema militar e sua chefia apresentavam sem dúvida alguma, falhas quando as tropas perderam a coesão e começaram a se desintegrar no Vietname.

QUADRO 9

DISTRIBUIÇÃO DAS BAIXAS ENTRE VOLUNTÁRIOS E CONVOCADOS DO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO NO VIETNAME (A)

Efetivos	1968	1969	1970	Percentual Médio de Aumento () ou Diminuição (-) entre 1968 e 1970
Baixas				
Convocados				
% do Exército no Vietname	42,0	39,0	39,0	- 3,0
% de baixas	58,0	62,0	65,0	7,0
Voluntários (b)				
% do Exército no Vietname	58,0	61,0	61,0	3,0
% de baixas	42,0	38,0	35,0	- 7,0

a. "Congressional Record", de 21 Ago 70, páginas 29700 a 29704, citando o "National Journal Studies Role of Draftees in Viet Nam".

b. Os militares profissionais ou voluntários no Vietname eram chamados "lifers" (Vitalícios) pelas tropas combatentes integradas por convocados.

A coesão das unidades e a disciplina tradicional foram destruídas no Vietname devido ao próprio subsistema militar. Estudos do passado a respeito do Exército Norte-Americano revelam que, em campanha, a unidade de coesão tende a ser o grupo de combate. Durante a Guerra da Coréia, o grupo primário caracterizou-se pelo sistema do "amigo do peito". Na época do Vietname, o sistema do "amigo do peito" foi destruído. Em consequência, o exército de campanha no Vietname ficou essencialmente composto de militares isolados que constituíam muito mais "perfumarias" do que uma "sociedade".³⁵ Nessas circunstâncias, obviamente a disciplina torna-se cada vez mais difícil de ser mantida.

Se no Vietname, os soldados empenhados em combate eram forçados a atuar num meio social e militar progressivamente desestruturado, como se infere desta análise, então a falta de uma eficiente liderança apenas combinaria os fatores que levam à desintegração. Pela natureza do recrutamento, o ônus do combate

35 — Ver Moskos, *The American Enlisted Man*, páginas 7, 24 e 30.

Ver Também Lihle, *Deterioration of Military Work Groups*.

recaiu não apenas em cima dos conscritos, mas, também, sobre os elementos da classe sócio-econômica mais baixa do país. Homens desta camada social são, freqüentemente, estereotipados como pessoas sujeitas a impulsos de recompensa imediata, súbitos incitamentos para a violência, e incapazes, em alto grau, de adaptação à vida militar. Se homens com tais disposições vêem-se numa situação em que seus líderes parecem não merecer respeito e onde a severa disciplina tradicional inexistente, então a incidência de atos hostis das próprias tropas contra o sistema militar e seus símbolos crescerá. Simultaneamente, se o sistema militar não pode ou não tiver condições de proporcionar um conjunto de valores coativos que sirva de guia para o comportamento, então a tendência para a insubordinação agrava-se ainda mais.

Os chefes militares responsáveis pela conduta da guerra no Vietname, podem argumentar, diz-se com certa legitimidade, que as oportunidades para sua participação freqüente em combate e, portanto, para exercerem uma liderança direta, foram relativamente limitadas.³⁶ O controle do movimento de centenas ou milhares de grupos de combate, pelotões e unidades de valor companhia; a exploração contínua de múltiplos e complexos meios de comunicações; e problemas de suprimento, transporte e evacuação, podem ter exigido a presença dos oficiais superiores em centros de comando localizados nas bases, ao invés de no campo de batalha propriamente dito de modo a assegurar uma "racional" coordenação. Se aceito este argumento, as operações no Vietname não admitiam grande número de generais e coronéis intrometendo-se pessoalmente na conduta das ações de combate. Sob este aspecto, o comandante subordinado em contato com o inimigo e de posto inferior é o melhor juiz da ação, e, portanto, precisa-se de um alto grau de autonomia tática; a presença constante de oficiais superiores tenderia, então, a prejudicar a tomada de decisão e atrasar inadmissivelmente as reações táticas. Em primeiro lugar, a guerra no Vietname estava intimamente ligada à política, e, em particular à cultura política do povo vietnamita, cuja libertação da influência comunista era um dos objetivos políticos da guerra. Por conseguinte, nos termos das condições da guerra, todas as operações deveriam ter ficado sujeitas à intensa supervisão do alto-comando, de modo a assegurar que a violência a empregar seria regulada de acordo com a guerra política. Por esta rubrica de guerra política, os comandantes de pequenas unidades não deveriam ter permissão para seguir as doutrinas formais da guerra convencional que ditam autonomia tática. Em vez disso, todos os comandantes operacionais de nível mais baixo, deveriam ter demonstrado perfeitamente alta competência em táticas antiguerrilha, embora sofressem, ao mesmo tempo, cerrado controle, devido a uma política antiguerrilha severa e global. No entanto, nem em seu treinamento militar, nem em sua educação preparavam as tropas norte-americanas para este desafio. As camadas inferiores do Exército no Vietname eram de fato amadoras em uma "Guerra do Povo", devido ao sistema de

36 — Este argumento foi apresentado numa carta pessoal de um oficial superior do Exército dos EUA. O mesmo documento justificava a distribuição discriminatória de perdas entre os integrantes dos quadros da obra do Exército e convocados, argumentando que as praças representam o melhor investimento a longo prazo para o Exército e que seu treinamento não devia ser jogado fora.

rodízio que limitava a grande maioria das forças a períodos de 13 meses de serviço naquela região ocorrendo quase o mesmo com os oficiais de todos os postos. É claro que tais homens não podiam adquirir grande experiência em operações de guerrilha.

Considerando como razoavelmente exato este quadro da guerra, havia necessidade da presença contínua em ação de oficiais mais antigos bastantes exigentes, não tentando comandar meramente de helicópteros ou visitando, de tempos em tempos, as várias bases. O fato é que a guerra não foi adequadamente supervisionada pelos escalões superiores de modo a conduzirem as operações de acordo com as diretrizes baixadas de início pelo próprio Exército. As diretrizes de que falamos são aqueles chavões "conquistar corações e mentes . . ." "guerra não-convençional", "ação cívica" e assim por diante. Na época, a ausência dos oficiais superiores do efetivo de combate não pode ter escapado à atenção das tropas empenhadas. Uma que a percepção da guerra (qualquer guerra) experimentada pela tropa está condicionada ao sistema militar vivido, são necessários símbolos visíveis do sistema para manter o moral elevado. Cumpre recordar entretanto, que, por causa do sistema de bases os oficiais superiores ficavam mais em evidência nas áreas de retaguarda. Pode-se aceitar a idéia difundida de que os generais e coronéis não só estiveram ausentes da luta, como atestam sua percentagem inferior de baixas mas também, pelo seu real comportamento pouco se importavam com o que a tropa fazia, desde que a "papelada regulamentar estivesse em dia (contagem de mortos, relatórios de situação, comunicados de 'vitórias')". Por que, então, surpreender-se com o aumento de casos do tipo "My Lai"? A quebra final da disciplina e respeito simplesmente não pode ser tratada com surpresa ou estupefação.

A evidência clara do declínio de qualidade do oficial está demonstrada no Quadro 10. Entre 1960 e 1970 a matrícula nos CPOR do Exército caiu mais de 60%; em consequência, o efetivo do quadro de oficiais da ativa aumentou 57%, entre os anos de 1960 e 1971. Evidentemente, o Exército teve dificuldade não somente para recompletar os claros resultantes de licenciamento, do pessoal da reserva como também para encontrar as quantidades exigidas a fim de atender à expansão provocada por uma necessidade "sentida" de um corpo de oficiais cada vez maior. Contudo, é esperar demais acreditar-se que as complexidades da guerra do Vietname poderiam ter sido enfrentadas por tais homens. O argumento apresentado pelo Exército era de que tal quantidade de oficiais tinha que ser obtida mesmo com sacrifício da qualidade (no caso do Ten. Calley). A experiência histórica, porém, ensina outra coisa como os exemplos das forças militares bem comandadas alemãs e francesas demonstram. Um grande exército, conduzido com habilidade por um pequeno número de oficiais dedicados e competentes, revelando concreto senso de ética militar, apresenta sempre mais coesão que uma vasta massa de oficiais sem qualificação e de soldados mal comandados. Todas as evidências apontam para o fato que desintegração no Exército está diretamente relacionada com o caráter, integridade e competência do quadro de oficiais. Nos elementos disponíveis, nada mostra qualquer correlação entre desintegração e fatores externos, tais como "sociedade permissiva", "ideologias decadentes" ou uma "nação esfacelada".

QUADRO 10

Matrículas nos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva
de
1960 a 1972 (a)
(Em milhares, no mês de maio, fim do ano escolar)

Força Armada	1960	1965	1967	1968	1969	1970	1971	1972
CPOR/Universidades (total)	230	231	216	196	175	123	92	73
Exército	133	142	152	141	125	87	63	45
Marinha	10	7	9	9	9	8	7	7
Força Aérea	87	82	56	45	41	28	23	21
CPOR/Escolas 2º Grau (total) (b)	87	88	95	111	122	126	124	121

FONTE: Departamento da Defesa dos EUA, Gabinete do Secretário, informações não publicadas.

a. Statistical Abstract of the United States - 1973, Divisão do Censo, página 270.

b. Constituído de escolas de 2º grau em geral, iniciado em 1967 e inclui matrículas nos CPOR do Exército, da Marinha, da Força Aérea, do Corpo de Fuzileiros Navais e do Corpo de Cadetes da Defesa Nacional.

O CORPO DE OFICIAIS: SUA PRÓPRIA IMAGEM

Ao fim da experiência do Vietname, diversos livros foram escritos a respeito da decadência das Forças Armadas.³⁷ Entre eles, destaca-se como o mais interessante o testemunho de Stuart H. Loory, a cerca da derrotada máquina bélica norte-americana.³⁸ Descreve minuciosamente as atitudes e condições predominantes em todas as forças armadas, junto com um relato convincente sobre a atmosfera de carreirismo, egoísmo e exploração dos convocados. Loory dificilmente faz acusação aberta ao oficial, mas não pode evitar a incriminação. No fim, perdoa facilmente os militares, já que vê o oficial como vítima de um sistema que "politicava" as forças armadas, apesar das vantagens profissionais dos oficiais. Somente na conclusão culpa o quadro de oficiais por trair a ética do soldado profissional, obra genuína daqueles que supostamente devem viver por ela e fazer cumprir seus rigorosos padrões. Esta ética, expressa em três palavras — Dever, Honra, Pátria — tornou-se apenas um dito da "boca para fora", enquanto a real consecução "sincera" dos ideais poderia destruir uma carreira. Mais importante ainda, para nós, é a referência ligeira feita por Loory a um estudo realizado pelo próprio quadro de oficiais a respeito de seus valores, padrões e a essência de sua ética, os critérios básicos pelos quais qualquer oficial deveria ser avaliado. Começando pelo mais importante lema — Dever-Honra-Pátria —, 450 oficiais foram submetidos, em 1970, a questionários e uma espécie de metodologia "Q" rudimentar, para avaliação do nível ético do Exército dos Estados Unidos.³⁹ O estudo foi dirigido pelo então Chefe do Estado-

Maior, General Westmoreland e conduzido pelo "Army War College". Algumas de suas conclusões mais pertinentes são as seguintes:

O estudo do "Army War College" considera que "os padrões de comportamento ético, moral e profissional, resumidos por 'Daver-Honra-Pátria', são aceitos pelo Corpo de Oficiais como apropriados, significativos e relevantes para o Exército de hoje". Entretanto, também observa: "existem diferenças generalizadas e amiúde expressivas, entre os padrões ideais de ética/moral/profissionalismo do Exército e os

37 — Ver William L. Hauser, *America's Army In Crisis* (Baltimore, John Hopkins University Press, 1973); William R. Corson, *The Betrayal* (New York, Ace, 1968); Edward L. Ring, *The Death of the Army* (New York, Saturday Review Press, 1972); Ward Just, *Military Men* (New York, Alfred A. Knopf, 1970). King salienta que cerca da metade dos oficiais-generais que serviam no Vietname receberam condecorações por atos de bravura (*Death of the Army*, páginas 103, 210 e 211). Assinalando a mesma inflação curiosa de recompensas, Hauser fornece maiores dados acerca das condecorações distribuídas no Vietname. Em 1968, o número total de norte-americanos mortos em todas as forças armadas foi de 14.592 e o total de medalhas concedidas atingiu 416.693. No ano de 1970, o número de mortos somou 3.946 e o de recepiendários de condecorações alcançou a cifra de 522.805. Alguns oficiais superiores foram agraciados fraudulentamente, recebendo "Estrelas de Prata"^{**} por atos que não exigiam qualquer bravura especial ou feitos imaginários. Ver Hauser, *America's Military In Crisis*, página 175. Além disso, *a medida que as baixas diminuíam e as forças viam-se reduzidas, as recompensas por atos de bravura cresciam!* Nenhum estudioso deste assunto parece ter notado a anomalia do enorme número de medalhas concedidas a generais por bravura — muitas vezes a "Coração Púrpura"^{**} ou dadas postumamente —, ainda que estas oficiais raramente tivessem estado em campanhas. Mostramos que não se registraram mortes de generais com freqüência no Vietname. O livro de Hauser reconhece que o Exército acha-se em perigo, mas falha em determinar as principais causas do fenômeno. Tende a atribuir culpa a forças externas ao Exército, as quais, como vimos, não convencem e servem realmente de justificativa por parte dos militares. Sua solução para recuperar o Exército é dividir a instituição em duas camadas. Uma constituiria a elite espartana, a força combatente; a outra comporia o sistema de apoio-meio-paisano. Ver Hauser, *America's Military In Crisis*, páginas 201 e 228. Apesar do interesse generalizado em liderança, pouca atenção tem sido dada à correlação entre perdas e o desempenho do Exército israelense. Na guerra de 1973, Israel perdeu 250 homens mortos em ação, dos quais 26% eram oficiais. Dos 2.500 mortos, apenas 85 eram soldados. Portanto, mais de 95% dos mortos foram oficiais e sargentos. Ver Ward Just, *Israel!* (Atlantic, junho de 1975), 11. As informações prestadas por Just, atribuídas por ele a fontes particulares, parecem dignas de crédito.

38 — Stuart H. Loory, *Defeated* (New York, Rondon Hauss, 1973).

39 — *Study on Military Professionalism* (Carlisle Barracks, Pennsylvania, U.S. Army War College, junho de 1970). Na pesquisa e no questionário, surgiram os mesmos temas: carrelismo, egoísmo e hipocrisia. Deve-se acrescentar que os testes "Q", devidamente aplicados, permitem traçar os respectivos perfis dos entrevistados. O relatório não faz qualquer referência pormenorizada ao tipo exato de questionário-teste e técnica aplicados, embora o método adotado seja atribuído a Victor H. Vroom, *Word and Motivation* (New York, John Wiley, 1964). Ver página 8-30 do *Study on Military Professionalism*. Este trabalho, realizado sob o controle do "Army War College", também avaliou oficiais superiores numa enorme variedade de estabelecimentos de ensino de mais alto nível do Exército, incluindo a Escola de Comando e Estado-Maior, bem como oficiais subalternos.

* Medalha concedida somente por atos de bravura comprovados.

** Medalha concedida por ferimentos recebidos em combate.

O estudo do "Army War College" considera que "os padrões de comportamento ético, moral e profissional, resumidos por 'Dever-Honra-Pátria', são aceitos pelo Corpo de Oficiais como apropriados, significativos e relevantes para o Exército de hoje". Entretanto, também observa: "existem diferenças generalizadas e amplas expressivas, entre os padrões ideais de ética/moral/profissionalismo do Exército e os padrões em vigor..."⁴⁰ que são necessários para o acesso na carreira. Surpreendentemente, a pesquisa assinala que "as variações entre os padrões ideais e os existentes ou em vigor são percebidas com notável semelhança pelo grupo representativo de oficiais inquirido durante a realização deste estudo". Com relação ao fato, parece que o próprio quadro de oficiais reconhece as disparidades entre o ideal e as exigências para ascensão na carreira. Na verdade, o trabalho insinua que "os oficiais subalternos, em particular, estavam preocupados com as práticas desprovidas de ética que observavam e ansiavam por fazer sua parte, a fim de corrigir a situação".

Referindo-se às causas dessa disparidade, o estudo acha que "não havia evidência significativa de que as pressões sociológicas contemporâneas — sempre presentes — fossem as causas principais das diferenças entre o clima profissional ideal e o vigente atualmente no Exército: os problemas, são na maior parte, gerados internamente; não desaparecerão automaticamente com o término da guerra no Vietname e a redução do efetivo global do Exército. Dentro desta idéia poder-se-ia admitir que "o sistema de recompensas do Exército valoriza o cumprimento de missões de curta duração, mensuráveis e freqüentemente triviais, e negligencia o desenvolvimento desses padrões éticos que são essenciais a uma profissão sadia".

Alguns dos tópicos, encontrados com mais freqüência no aludido estudo e que traduzem as disparidades entre o ideal e a realidade, são: "egoísmo", "Carreirismo", relacionamento difícil entre superiores e subordinados; relatórios de situação, estatísticas ou ficha de avaliação da eficiência do oficial distorcidas ou desonestas, incompetência técnica ou administrativa; desprezo pelos princípios, mas completa atenção na execução sem o menor erro até mesmo da mais insignificante missão; deslealdade para com os subordinados; apresentação de baixos padrões de comportamento ético-profissional por parte dos oficiais superiores. Parece correto afirmar que as disparidades são estimuladas pelas políticas, em si mesmas enganosas, do Exército "quanto à avaliação do oficial, seleção para promoção, conceitos de carreira, normas de movimentação e sistemas de relatórios de informação". Estas circunstâncias não concorrem para o intento do Exército de reter os oficiais subalternos. O estudo do "Army War College" sugere que os oficiais jovens são motivados por princípios e com freqüência acham seus superiores incompetentes, negligentes e "muitas vezes fora da realidade". Não é surpreendente, portanto, que este estado de coisas tenha forçado o oficial jovem a escolher entre os ideais da carreira das armas e o sucesso.

Pode-se apenas perguntar, portanto, se esta condição pode ou não ser mudada de dentro, pois recorde-se ser uma premissa básica de nossa análise que as

40 — *Study on Military Professionalism*, páginas 30 e 32.

condições de desintegração tiveram origem internamente. Focalizando as medidas corretivas, o estudo do "Army War College" conclui que:

"O presente clima não se corrige por si mesmo e devido à natureza e extensão do problema, mudanças precisam ser estabelecidas de maneira digna de crédito e impostas pelo alto-comando do Exército . . . Para corrigir esse clima será preciso mais do que medidas superficiais e transitórias. O clima não pode ser corrigido por exortações. Faz-se mister uma modificação concreta dos sistemas de recompensa e punição para assegurar a dedicação aos princípios, outrora respeitados por um oficial do Exército."

Em resumo, o estudo parece deduzir que se deva esperar e confiar na modificação do sistema pelos mais beneficiados por ele. Julgamos esta pretensão altamente fantasiosa.

O referido trabalho e suas conclusões apontadas acima, declaram que ao alto-comando do Exército cabe elaborar as necessárias reformas e as fazer cumprir. Todavia, em outra parte do estudo, encontramos a seguinte observação, que indica fortemente não poder o Exército corrigir, com toda probabilidade, sua própria situação decadente:

"O presente clima não parece ser autocorrigível. A atração humana pelo sucesso e reconhecimento de parte dos superiores, sustentada, senão estimulada, por sistemas administrativos e de recompensa que cuidam do imediato sucesso pessoal às expensas da consolidação a longo prazo da força moral e ética, poderia perpetuar ou agravar a situação vigente. O tempo exclusivamente não corrigirá a doença. Além disso, o fato dos líderes do futuro vierem a ser aqueles que sobreviveram e se distinguiram dentro das regras do presente sistema, milita em parte contra qualquer impulso próprio para incrementar o retorno à aplicação prática dos valores ideais."

Em suma, o estudo do Exército leva-nos a concluir que o sistema militar não pode reformar-se a si mesmo, porque aqueles que determinam a essência da ética de Dever-Honra-Pátria, violaram-na, na medida de seu próprio sucesso, *ab initio*.

CONCLUSÃO

Uma expressão dura nas conclusões do estudo do "Army War College" é "deslealdade para com os subordinados". Se a deslealdade se estende por todo o caminho abaixo, pouco surpreende que a estatura ética do corpo de oficiais venha a ser do conhecimento das fileiras. Vimos que um dos elementos fundamentais da coesão no Exército Alemão era o respeito mútuo entre oficiais e praças. Quando chegou o momento de ser testado, o corpo de oficiais não se furtaria às suas responsabilidades. O ocorrido no Vietname não foi o inverso? Na hora da luta e da morte, os oficiais, em particular os oficiais superiores, lá não estavam. Além disso, a estrutura da guerra, no Vietname, possivelmente tendia a reforçar a impressão no

pessoal convocado de que afinal não havia outro propósito na guerra salvo a aceleração da carreira dos oficiais. Se a principal preocupação da maioria dos oficiais superiores era a carreira e as promoções, que pior maneira de destruir as expectativas de carreira do que insistir, primeiro, em padrões rigorosos e, depois, em aceitar expor-se por longo tempo ao perigo da morte com as tropas combatentes? Sob tais circunstâncias dificilmente podem existir grupos primários coesos, muito menos coesão militar global.

Quanto aos efeitos dos acontecimentos estranhos ao Exército, a pesquisa do "War College" afirma que as pressões sociológicas externas não são os elementos básicos do desempenho militar. Acharmos, no estudo de Shils e Janowitz, que a coesão da *Wehrmacht* era essencialmente função de fatores militares internos. O "War College" faz basicamente a mesma observação. Indo mais a fundo, a análise explicitamente reduz as atitudes populares em relação à guerra a irrelevantes.

"Não há evidência direta de que influências externas fiscais, políticas, sociológicas ou administrativas sejam os fatores principais deste clima menos do que ótimo. Nem a atitude pública para com a guerra do Vietname, a expansão rápida do Exército, ou a atual síndrome antimilitar, avultam como razão significativa para desvios do nível de comportamento profissional que o Exército reconhece como seu ideal atingível."

Não há justificativa para admitir que os sinais de desintegração surgidos nas fileiras resultavam fundamentalmente de condições externas sócio-políticas. Por conseguinte, a correlação entre um quadro de oficiais sem ética, talvez incompetente, e os escalões inferiores do Exército manifestando todos os sinais de desintegração torna-se agora mais clara. O Exército mostrou sinais de entropia social na destruição dos grupos primários, determinada provalmente pelos sistemas de rodízio. Entretanto, dado, primeiro, à situação do quadro de oficiais, sua obsessão pela carreira e grande rotatividade pelas unidades de combate ou de apoio, a fim de perfurar o cartão, e, segundo, à sórdida posição das praças norte-americanas, é de admirar que existisse qualquer coesão. Além disso, parece muito duvidoso que o corpo de oficiais pudesse ter criado os necessários grupos primários, mesmo se houvessem tentado fazê-lo já que o desenvolvimento do respeito mútuo era obstado pelo caráter dos próprios oficiais e por seu excessivo número, agravado pela qualidade do fluxo dos recompletamentos de combate.

Reforçando todos os outros fatores que afetavam o moral da tropa no Vietname, havia o extraordinário dano causado pelo tráfico de drogas, que os altos escalões do Exército tolerava, pelo menos por omissão. A existência de um tráfico de drogas organizado, aceita pelos chefes políticos junto com as altas patentes militares, constitui suficiente evidência dos dilemas morais de um exército inteiro.

No fim, os fatores associados com a decadência militar concentravam-se no quadro de oficiais, um corpo inseguro de si próprio bem como de seus padrões de conduta, incapaz de impor a disciplina básica, dominado completamente por estados-maiores descomunais e encarado com desprezo por suas tropas. Este Exército é a antítese daqueles que, na história, revelaram grande coesão durante perío-

dos de retirada e até de derrota. Considerando-se todos os outros indicadores, mas principalmente o caráter do seu oficial, o Exército Norte-Americano no Vietname se qualifica como uma força que se autodestruíu e o fez, sobretudo, devido a fatores internos.